



A CENSURA LINGUÍSTICA NO LIVRO 1984, DE GEORGE ORWELL

Verônica Vilasboas Amaral¹
Marcus Antônio Assis Lima²

INTRODUÇÃO

No livro “Democracia antiga e moderna”, Moses Finley (1988) defende: “Um ambiente social livre de censura não seria um ambiente social de forma alguma; seria como um pesadelo de maníaco”. Censura talvez seja uma palavra forte para descrever uma sociedade dita democrática, mas, poderíamos dizer que as leis são formas de cercar certas atitudes humanas que possam ser nocivas para a vida em comunidade. Neste caso, o termo correto não seria “censura” e sim regras sociais ou organização social.

Os mecanismos de defesa são as formas de coerção que o Estado exprime sobre o cidadão. E é explicitamente demonstrado através das câmeras, as teletelas, da insegurança em relação ao que dizer e ser mal interpretado pelo alto escalão do Partido, a novilíngua, que faz parte de um controle linguístico para diminuir a gama do pensamento. A falta da unidade familiar, amorosa e de amizade, também é uma forma de controle, pois só se deve ter lealdade ao Grande Irmão, e qualquer pessoa tem o dever de denunciar a outra que cometer algum “crime”, mesmo que seja um membro da família.

Este artigo tem por objetivo, descrever formas de censura utilizadas no regime totalitário descrito no livro 1984 de George Orwell. Censura é um dos principais termos utilizados quando se trata de um governo totalitário, há vários exemplos na história deste modelo de governar, neste artigo a realidade não será utilizada e sim a ficção. Poderíamos dizer que a ficção às vezes é mais real e implacável do que muitas histórias reais. O objeto de análise será o livro 1984, escrito por George Orwell. Para analisar o corpus serão utilizados os alicerces teóricos de Moses Finley (1988), acerca da censura e Emília Mendes (2004) com a teoria da ficcionalidade.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Campus Vitória da Conquista). Endereço eletrônico: veu_vilasboas@hotmail.com

2 Professor titular. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (UESB). Endereço eletrônico: malima@uesb.edu.br.



Publicada em 1948, 1984 é uma distopia de um futuro próximo, onde a população é totalmente controlada por um tirano, o Grande Irmão, através de câmeras instaladas no interior das casas, órgãos públicos e na cidade em geral.

Todo organismo social considera-se legítimo, arrogando-se o direito de se defender tanto interna quanto externamente. A partir daí, procura enfraquecer ou eliminar a oposição, ou pelo menos algumas formas de oposição. (FINLEY,1988, p. 162)

Essa é a conclusão de Finley sobre mecanismos de censura como forma de defesa do poder estabelecido.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a Análise do Discurso, na linha da Semiologia, a partir de trechos do livro 1984. Serão utilizados os alicerces teóricos de Emília Mendes com a teoria da ficcionalidade e Finley, com a definição de censura.

Emília Mendes (2004) considera que a ficcionalidade pode ser um elemento da comunicação e não está apenas restrita a Literatura e as Artes, seria uma simulação de uma situação que teria possibilidade de ocorrer de forma factual, seja na ordem discursiva, seja na semiologia. Outra questão relacionada à ficcionalidade é que ela estaria presente na comunicação e poderia ocorrer, em maior ou menor grau, em qualquer gênero do discurso, sejam eles classificados como factuais ou ficcionais, e pode alterar ou não o estatuto do texto.

Na nossa opinião, a ficcionalidade perpassaria um grande número de fenômenos que poderiam ser construídos seja através da língua, seja através de outros sistemas. No entanto, pensamos que existem graus de presença da ficcionalidade, ou seja, em alguns casos ela é preponderante, em outros casos ela somente auxilia a construção de uma produção discursiva. (MENDES, 2004, p. 119-120)

Como contraponto a ficcionalidade, Mendes (2004) conceitua a factualidade como um mecanismo de produção de um fato que, assim como na ficcionalidade, pode estar em maior ou menor grau em um gênero textual, e também pode alterar ou não o estatuto de um texto.



Os gêneros textuais são atravessados por efeitos de real e de ficção. Segundo Mendes (2004), não há um gênero puro e sim um entrelaçar entre os efeitos de real e os efeitos de ficção em todos os gêneros. Neste sentido o que faz com que um texto seja classificado como factual ou ficcional é o contexto, o estatuto atribuído ao texto pelo autor.

Mendes (2004) pontua que a ficcionalidade é o processo e ficção é o produto. Um texto factual pode ter elementos de ficção, mas deve haver predominância de situações possíveis. Por sua vez, no texto ficcional devem predominar simulações de “situações possíveis”. Destaca-se a linha tênue que demarca “ficção” e a “realidade” e como há um entrecruzamento dos efeitos de real e do efeito de ficção presentes na maior parte dos gêneros.

Sobre o papel da censura na imprensa, Finley argumenta:

Se qualquer consideração acerca da censura em nossos dias se concentra nos meios de comunicação, tal fato reflete mudanças sociais e tecnológicas relativamente recentes. A invenção da imprensa marca uma linha divisória na história da humanidade. Todas as sociedades mais antigas, mesmo aquelas tão letradas quanto as de Atenas e da Roma clássicas, enfrentavam problemas qualitativamente diversos no que se refere à censura. (FINLEY,1988, p. 162)

A imprensa tem um papel de destaque no livro, Winston Smith trabalha no Ministério da Verdade, e é responsável por reescrever matérias de jornais e revistas que já foram publicados no passado e apagar as provas da cópia.

RESULTADOS ESPERADOS

A trama se desenvolve em Londres, província da Oceania e o local onde mora o personagem principal da trama, Winston Smith. Syme era a pessoa responsável pela décima primeira edição do dicionário de novilíngua. Ele não achava necessária a existência de tantos sinônimos, pois isso tornava a linguagem imprecisa. Ao excluir todas as ambiguidades da língua não havia espaço para gradações de sentido. O intuito era controlar o pensamento humano e conseqüentemente reduzir o número de pessoas insatisfeitas com o modelo de política imposto pelo partido e pelo Grande Irmão.

Não vês que todo o objetivo da novilíngua é estreitar a gama do pensamento?



No fim, tornaremos a ¹crimidéia literalmente impossível, porque não haverá palavras para expressá-la. Todos os conceitos necessários serão expressos exatamente por uma palavra, de sentido rigidamente definido, e cada significado subsidiário eliminado, esquecido. Já na Décima Primeira Edição, não estamos longe disso. Mas o processo continuará muito tempo depois de estarmos mortos. Cada ano, menos e menos palavras, e a gama da consciência sempre uma pausa menor. Naturalmente, mesmo em nosso tempo, não há motivo nem desculpa para cometer uma crimidéia. É apenas uma questão de disciplina, controle da realidade. Mas no futuro não será preciso nem isso. A revolução se completará quando a língua for perfeita. Novilíngua é Ingsoc e Ingsoc é Novilíngua – agregou com uma espécie de satisfação mística. – nunca te ocorreu, Winston, que por volta do ano 2050, o mais tardar, não viverá um único ser humano capaz de compreender esta nossa conversa? (ORWELL, 2005, p.54)

Além das câmeras há uma forma mais eficiente de censura, a criação de uma nova língua, novilíngua. A partir da supressão de palavras, o tirano tinha a pretensão de diminuir o pensamento crítico.

CONCLUSÃO

A imposição da novilíngua é a forma mais expressiva de censura utilizada pelo Grande Irmão. A supressão de palavras objetivava restringir significados indesejáveis, ou esvaziá-los de sentido, um exemplo utilizado no livro é a palavra livre, que existiria na novlíngua na frase “este jardim está livre de ervas daninhas”, mas não poderia ser utilizado na frase “politicamente livre”, ou “intelectualmente livre”, pois o conceito de liberdade como direito do cidadão não existiria.

A revolução se completaria quando a língua se tornasse perfeita a ponto de ninguém conseguir sequer ter um pensamento contrário ao atribuído pelo tirano. O livro termina sem que esta política de restrição de palavras se complete inteiramente. Mas é possível perceber que o controle só se tornará absoluto quando a língua antiga se tornar obsoleta. George Orwell demonstra claramente que o controle linguístico é mais eficaz do que a vigilância através das câmeras.

REFERÊNCIAS



CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FINLEY, Moses I. **Democracia antiga e moderna**. Trad. de W. Barcellos e S. Bedran. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

MENDES, Emília. **Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas**. 2004. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da UFMG.